

PERCURSOS INVESTIGATIVOS NA PESQUISA: O TRABALHO COM AS NARRATIVAS DO OUTRO

Hamilton E. S. Vieira
UFSCar/São Carlos
hamiltonv@hotmail.com

Claudia R. Reyes
UFSCar/São Carlos
claudiareyesufscar@gmail.com

Resumo

O presente texto procura discutir sobre o trato com as narrativas de sujeitos que utilizamos em nossas pesquisas acadêmicas, pensando-as pela perspectiva da linguagem como uma construção social e o ato de narrar como o lugar de re-construir pelas singularidades um todo que ainda considere o humano e possa se fazer ciência. A ideia é lançar um desafio que incite a reflexão sobre a relação do eu com o outro a partir do ato comunicacional e do que produz este encontro dialógico e a proliferação de novos sentidos que fazem com que a palavra dada nas narrativas possam continuar a movimentar-se com as apropriações futuras de outras novas relações.

Palavras-chave: Linguagem; Narrativas; Pesquisa acadêmica.

A palavra é muito mais que um fenômeno linguístico, é a constituição de um objeto posto pela palavra no movimento de construir pontes de significados entre o eu e o outro (BAKHTIN, 2011). Palavra não como apenas parte de um conjunto gramatical de uma língua, mas que pode ser pensada a partir da natureza do objeto e que ela o constitui, e por esse objeto também o é constituída.

Palavra como espaço da interação e da produção de novos sentidos, do movimento que a faz existir condensando forças e as colocando em tensão, garantindo a existência do singular e ainda assim construir outro jeito de generalidade, sem se basear na fixidez, mas no fértil espaço da provisoriedade, como a imagem de um caleidoscópio em movimento.

A escrita da palavra neste sentido pode ser pensada no campo da encenação, posto que é configurada, transformada e apropriada de diversas maneiras, não sendo a verdade fixa, mas a verdade proposta, a partir de um campo referencial de outras vozes (SOBRAL, 2016), que tornam possível criar as pontes de significação.

Dado isto, este texto traz alguns apontamentos para se pensar um olhar sobre o registro das narrativas de outros sujeitos nas pesquisas acadêmicas, pensando o lugar do outro na constituição do nosso eu-pesquisador e nos espaços destas narrativas em um texto investigativo acadêmico.

Ou do difícil caminho de apropriação de falas, memórias, histórias de diferentes sujeitos que emergem de pesquisas, cuja tônica é trazer estas vozes para o campo da investigação e que nos põe em desafio sobre estas articulações seja no trato da análise ou no registro da escrita, articuladas por e na linguagem.

Muito mais que um campo de certezas e afirmações, este ensaio permite pensar a questão da linguagem como um produto social, para se considerar que o “objeto real é o homem social (inserido na sociedade), que fale e exprime a si mesmo por outros meios” (BAKHTIN, 2003, p. 318), e com isso nos questionar sobre o campo da linguagem e a apropriação da voz do outro em nossas pesquisas acadêmicas. As interações que estabelecemos se dão na e pela linguagem, e com ela que se constroem as pontes do eu para o outro, e do outro para o eu.

Na linguagem que nossas significações, nossos discursos e nosso olhar sobre o mundo, constituem a materialidade da vida, sendo parte fundante da constituição do sujeito, que se dá na e pela linguagem. Nesta perspectiva nos constituímos sujeitos na medida que nossas interações nos colocam no mundo e com o outro (BAKHTIN, 1995).

Por isso, ao pensar as narrativas, pode se ir além para uma abordagem do campo gramatical, do arranjo técnico de letras e palavras. A língua não está pronta, assim como quando nos constituímos sujeitos nunca estamos, por isso, nem mesmo a palavra é constituída uma vez apenas quando estas narrativas emergem no campo de trabalho aonde todos estes processos citados vão se relacionando e construindo novos sentidos a eles.

Prosseguindo com esta introdução, apresenta-se o percurso escolhido para se pensar a linguagem pelo prisma do campo filosófico, apoiado no diálogo com vozes que tem seu lugar de discussão a partir dos estudos do filósofo russo da linguagem Mikhail Bakhtin, que junto a um grupo de estudiosos entre as primeiras décadas do século XX influenciou até a atualidade a discussão do caráter social da linguagem, aprofundando o quanto ela é constantemente transformada, por isso, provisória e dada nas relações, diferindo de uma ideia corrente de linguagem como um sistema linguístico estável, fixo e imutável.

Aqui entende-se o contexto social do qual a língua se constrói e que está diretamente atravessada pelas relações que estabelecemos e que nos faz constituir com e no outro.

As perguntas são pertinentes do processo investigativo (BELL, 2008; GHEDIN, FRANCO, 2008), e o olhar questionador aguça ainda mais a busca ao que se pretende investigar no campo da pesquisa acadêmica (GHEDIN; FRANCO, 2008). Na seção seguinte, procura-se entender quais vozes dialogam sobre o que constitui uma narrativa, tendo como grande influência dos enunciados a perspectiva bakhtiniana aliada ao conceito de narrativa do filósofo Walter Benjamin.

Estas aproximações durante este trajeto de escrita nos faz aproximar das considerações finais aonde mais que responder está a vontade de suscitar novos sentidos a esta leitura e emergir desta nossa relação as vozes futuras, para se pensar sobre o trato com as narrativas de sujeitos que constituem uma pesquisa acadêmica e constroem esta relação do sujeito-pesquisador, o objeto investigado e as vozes destes sujeitos com os quais trazemos para o diálogo com o referencial teórico.

Há que se pensar sobre a existência de fronteiras reais entre o sujeito-pesquisador e a pesquisa (se é preciso que exista!), quando esta lida diretamente com narrativas de interlocutores, o que poderia levar a não parecer ser a garantia do fazer científico por conta do uso de vozes fora do espaço teórico e acadêmico.

São algumas questões que devem ser postuladas para construir um trajeto possível de primeiras reflexões sobre o rigor da ciência e a relação com os discursos narrativos de sujeitos que compõem o campo de análise de nossas pesquisas.

Primeiro, porque há pressupostos circulantes entre o meio acadêmico sobre o fazer ciência que nem sempre vão dar conta de pensar o humano nos processos dentro da escrita e do fazer científico quando a linguagem toma protagonismo e o uso de narrativas de outros sujeitos que não somente do campo teórico.

Estar no mundo também nos faz ligar diretamente a refletir e refratar esse mundo (BAKHTIN, 1995), tanto ele – o mundo quanto nós, somos produzidos historicamente nas relações sociais e na cultura, produzidas neste contexto dialógico ou interrelacional dos diferentes sujeitos. Ainda mais porque quem realiza a pesquisa e os sujeitos participantes com suas narrativas ou até mesmo quem irá interagir por meio da leitura e apropriação do que for produzido, o resultado do processo investigado.

Todos os interlocutores, seja em qual momento for, da atitude responsiva e dialógica destas interações, estão todos imersos e envolvidos no e com o mundo.

Não se demonstra uma realidade ou mesmo se credita aquele recorte escolhido ser a realidade, mas se constrói uma realidade atravessada pelo processo de refletir e refratar esta realidade, muito da perspectiva em se considerar as múltiplas representações do

mundo e de uma cultura socialmente construída, em movimento, instável e sujeita a contínuas reapropriações (BAKHTIN, 1995; GHEDIN; FRANCO, 2008; MARTINS, 2004).

Estas relações são as que nos inserem no mundo, permeiam as escolhas e enunciados sobre a pesquisa acadêmica. Mostram que estar inserido na sociedade é justamente quando estabelecemos relações com o mundo nas relações entre o eu e o outro (BAKHTIN, 1995). Mundo que se constrói tanto a mim quanto ao outro, por meio das valorações e significados que passamos a negociar e tomar posições a partir um dado instante, do que se enuncia como real.

A dita realidade, enquanto construção do acontecimento e não como apenas expressão do mesmo, é o ponto de partida para se pensar como as ciências humanas lidam com esta “realidade”.

Segundo Bakhtin (2003), seja “perambulando” em diferentes direções ou “agarrando pedaços” homogêneos da natureza e vida social. Pedaços também de psiquismo e história, a partir de um “conglomerado” de conhecimentos e métodos aplicados de diferentes maneiras, cujo objetivo seja unificar todas essas apreensões “por vínculos ora causais, ora de sentido, misturam constatações com juízos de valor” (BAKHTIN, 2003, p. 319), saberes multidimensionados e plurais que não se circunscrevem a uma ação do interior para o exterior, mas amplia esse movimento.

Considera-se que esse interior somente se constitui a partir do embate com o exterior e que esse também se constitui nas tensões internas, nos repertórios que carregamos, nas diferentes vozes com as quais vamos lidando, ora abandonando, ora desvalorizando ou mobilizando quando algo nos toca e nos leva a pensar essas redes de negociações com as quais construímos nossas relações sociais, externas e historicamente localizadas.

O caminho de produção de uma pesquisa revela muito sobre o lugar de onde constituem os sentidos e do lugar do sujeito. A escolha que reconstrói estas vozes não são apenas em função de uma escolha acadêmico-metodológica e científica.

Dialoga com contextos diversos, desde o sujeito-pesquisador e os saberes e vozes com os quais se constitui, aos lugares e tempos que atravessam a enunciação de questões sobre as quais se traçam os objetivos e o trajeto que pretende se percorrer para se concluir uma investigação científica.

Um percurso investigativo nos lança em como olhar o mundo com o qual nos envolvemos referente ao campo de um objeto investigado. Esta aproximação desde sua elaboração mental até o estar lá nunca é impune ou ocorre ao acaso. A palavra viva não está dada ou pressuposta, mas se constitui no trajeto, pois, indica desde o momento que a procura que existe já certa atitude sobre o objeto (BAKHTIN, 2012).

O objeto dado no discurso de um locutor-sujeito-pesquisador não é seu objeto pela primeira vez neste enunciado. Nem como o eu-sujeito-pesquisador ser o primeiro a falar dele. O mundo interior e a reflexão de cada um, de cada sujeito, se constrói por um auditório social já estabelecido e, com o qual, a partir das diferentes interlocuções (relações) que estabelecemos tencionam a transformar estes repertórios em movimento na comunicação, produzindo novos significados que vão suscitar novas leituras e também retomar ao que já foi produzido.

Este repertório se produz a partir dos “estoques” que trazemos no encontro com e do outro. Neste encontro que se constrói deduções, motiva a entender e leva a vontade de saber. A movimentação interior em relação constante com a movimentação exterior, tencionadas pela palavra e pela materialidade da vida.

O processo de interlocução se estabelece e sairemos diferentes, você com sua leitura e o texto com novos significados estabelecidos, mesmo porque em “todo ato cultural assume-se uma posição valorativa frente a outras posições valorativas” (FARACO, 2011, p. 23), em uma verdadeira memória de futuro, que constrói novos olhares e percepções que dão outros significados que não pensado originalmente a um texto, atravessados também por uma construção de valores e percepções nestas relações sociais.

Estes juízos e valores produzidos referem-se “a uma certa totalidade na qual a palavra diretamente entra em contato com o acontecimento da vida” (BAKHTIN, 2011). O acontecimento se funde com a palavra em uma unidade indissolúvel, como um resumo valorativo, por isso reflete e retrata uma certa materialidade, ao construir esse instante dado na vida (BAKHTIN, 1995).

Assim sendo, não há uma única voz posta ao narrar as apreensões sobre um objeto, mas de um passado que talvez nem esteja consciente na constituição do texto, das vozes presentes que são “obra de um contexto sócio-ideológico em que estamos imersos; e as vozes da memória do futuro, que serão aquelas que nos responderão provindas do que imaginamos que sejam interlocutores futuros” (GIOVANI; SOUZA, 2014, p. 59), onde a palavra é parte da realidade material e com ela se relaciona transmutando-a em signo que adquire significação.

Falemos um pouco sobre as relações entre as narrativas dentro da ideia da linguagem como uma produção social produzida historicamente e como estas questões, ao final deste trecho podem nos apresentar provocações para se pensar sobre como nos apropriamos, enquanto pesquisadores e pesquisadoras destas narrativas dos sujeitos com os quais escolhemos trazer para a pesquisa. A ideia é introduzir um questionamento sobre os modos de operar a pesquisa com vozes das quais escolhemos constituir nosso trabalho.

O campo da narrativa como um espaço das tensões de constituir as relações entre o eu e o outro

Contar algo para quem escuta ou lê, ou se apropria de qualquer outra forma destes dizeres aqui colocados, leva a considerar a narrativa como o lugar da prática social, na interação aonde a arte de narrar permite recriar pelo ato da imaginação, dos lugares, das instâncias, os aspectos e pensamentos em uma relação direta e imediata entre interlocutores (BENJAMIN, 1994).

Se para Benjamin (1994) houve uma quase extinção sobre a experiência de narrar, como se tivéssemos perdido a faculdade de intercambiar experiências, na “substituição do antigo relato pela informação e da informação pela ‘sensação’, reflete-se a atrofia progressiva da experiência” (BENJAMIN, 2000, p. 36) e na perda de se comunicar.

Dado ser este lugar um fenômeno entendido social justamente por ter em sua base a troca de experiências e a possibilidade necessária para a interlocução dialógica.

Quando se pensa no indivíduo e não no sujeito como construção de um coletivo, a individualização sobre o fato e a privatização sobre o olhar apenas para o individual exclui rigorosamente o experienciado, ou seja, sobre o qual poderia atuar a experiência de quem lê a narrativa (BENJAMIN, 1994).

Pensem a imprensa, que para Benjamin (2000) está baseada em seus princípios de informação jornalística, ancora na novidade, no breve o que é inteligível a uma maioria e na ausência de conexão entre notícias isoladas dificulta a informação e rompe com tradição que é a arte de narrar um todo e não aos pedaços (BENJAMIN, 2000).

A narração não visa, como a informação, a comunicar o puro em-se do acontecido, mas o incorpora na vida do relator, para proporcioná-lo, como experiência, aos que escutam. Assim, no narrado fica a marca do narrador, como a impressão da mão do oleiro sobre o pote de argila (BENJAMIN, 2000, p. 36-37).

O campo das narrativas permite o desafio de reconstituir e produzir uma nova narrativa a partir dessa construção. Os fragmentos de vida material que jorram destas falas com as quais lidamos ao buscá-las nestes sujeitos que trazemos para a pesquisa, estas falas precisam recompor o cenário narrativo e transformar a palavra em outros significados que irão interferir decisivamente nas futuras relações que o texto envolvendo esta narrativa em uma pesquisa poderão suscitar, mas estando lá ainda o singular do que foi narrado, criando um movimento entre palavra, narrativa e diálogo.

Desdobrar de olhares a partir de um lugar exterior. Estabelecer este olhar pelo movimento exotópico, permite colocar em contato o olhar do outro, que retorna ao eu-pesquisador-sujeito colocando em ação o excedente que a visão que outro me provocou, de maneira a me atualizar sobre o que penso do mundo em meu lugar de sujeito. Este movimento instaura um lugar particular da minha atividade que somente eu acesso.

Este acesso inicial é onde se instala a possibilidade de completar este outro (e a si mesmo) justamente aonde ele/a não alcançam se completar. Não é uma relação autoritária, haja vista que eu me completo a/com o outro neste percurso e ele/a se completam a partir da relação que juntos construímos, podendo um com o outro contribuir sobre um todo maior dessa relação, como Bakhtin (2006) discute sobre o que chama de alteridade e relação dialógica no sentido que pelo excedente de visão, isto é, aquilo que o sujeito tem de ver mais que o outro vê de si mesmo, possibilita a constituição de um todo do sujeito.

[...] devo entrar em empatia com esse outro indivíduo, ver axiologicamente o mundo de dentro dele tal qual ele o vê, colocar-me no lugar dele e, depois de ter retornado ao meu lugar, completar o horizonte dele com o excedente de visão que desse meu lugar se descortina fora dele, convertê-lo, criar para ele um ambiente concludente a partir desse excedente da minha visão, do meu conhecimento, da minha vontade e do meu sentimento (BAKHTIN, 2006, p. 23).

Ao partilhar histórias de vida, Moraes (2004) considera que elas permitem quem conta de “refletir e avaliar um percurso, compreendendo o sentido do mesmo, entendendo as nuances desse caminho percorrido e re-aprendendo com ele” (MORAES, 2004, p. 170), e para quem as ouve ou lê, permite buscar significados que se entrecruzam de alguma maneira com outras narrativas e com as suas próprias também.

Massivamente temos sido abordados em algum contexto, seja por meio das redes sociais ou outras mídias e nas relações que temos no nosso cotidiano por palavras carregadas de um discurso ideológico que leva a pensar sobre os lugares que as enunciam e como lidam com o outro nestas relações estabelecidas com seus interlocutores.

Como lidar com narrativas em contextos atuais, quando a palavra é tomada como lugar de poder e inscreve sujeitos e sentidos sobre o que enuncia e constitui?

Walter Benjamin (1994) aponta que a Modernidade solapou a constituição básica da narrativa, a chegada de todo o desenvolvimento tecnológico que se deu com a imprensa e dos grandes romances, o narrar se deu pelo alheamento da experiência, não mais na tradição oral e nem dela se alimentando. O advento dos romancistas, possibilitou que recurso de narrar trouxesse para o próprio romancista a sua experiência ou o que era relatado pelos outros.

Com isso, narrar se tornou um ato de segregar a narrativa do coletivo. Instalou um processo individual de conceber o narrar por sua ótica. Este momento rompe historicamente com a arte de narrar, que se acentuou após os períodos das grandes guerras do século XX, quando narrar tornou-se um imenso vazio, em que soldados não tinham o que dizer e quando surgiram livros que contavam se distanciavam ainda mais daquelas experiências vividas *in loco*.

Experiência no sentido que Benjamin (2000) aponta como o lugar do vivido, mas sob o auxílio da memória. Porque as surpresas que categorizam nossas impressões e sensações vividas, testemunham a incompletude do ser humano.

A lembrança funciona então como um fenômeno necessário para nos dar o tempo, que inicialmente faltou, de organizar a recepção aos estímulos, ao choque destas impressões e sensações. Este choque oferece as melhores condições para a recepção, e ao ser preso pela consciência provoca a experiência vivida, que marca “o acontecimento, à custa da integridade de seu conteúdo, um lugar temporal exato na consciência” (BENJAMIN, 2000, p. 40).

O lugar do vivido e os novos lugares que este vivido irão compor em uma pesquisa acadêmica é que nos fazem instigar ainda mais como esta composição sígnica da linguagem se dá nas tensões entre os dizeres e o lugar do fazer, ou seja, no registro escrito da investigação.

Considerações finais

Na troca de experiências, indispensável para uma interlocução dialógica, determinada justamente por ter alguém que procede este diálogo como também porque alguém que o recebe, não em um sentido único, mas permeado do que constitui ambos e do caráter potencialmente transformador dessa interlocução, já que por meio da palavra

“defino-me em relação ao outro, isto é, em última análise, à coletividade” (BAKHTIN, 1995, p. 113).

Na constituição do discurso que se estrutura de forma relativamente estável, a forma e o conteúdo se produzem como uma unidade que vem no sentido de poder compor de modo específico e externo uma determinada concepção arquitetônica do que estas narrativas possam construir, de forma a integrar pelas narrativas o objeto que se está investigando em uma pesquisa acadêmica.

Sobre o registro da escrita lança-se o desafio do nosso ato ético sobre aquele narrado que tomamos para nossas pesquisas. O desafio da pesquisa ao trabalhar com narrativas de outros está nos riscos e fronteiras.

Isto não significa dizer que torna a pesquisa impossível, mas suscita a pensar que estar com estas narrativas não significam viver a dor ou a vida alheia, mas que ao busca-las e na volta a si mesmo no contato com estas experiências, o sujeito-pesquisador seja atento ao trato com estas fontes de memórias, dizeres e vivências.

Questionar é uma palavra constante enquanto nos constituímos pesquisadores e pesquisadoras. A relação com estas narrativas não nos faz perder nosso lugar. Fiquemos atentos que o nosso eu se torna o outro quando estamos juntos a estas narrativas.

Somente quando voltamos ao nosso espaço da reflexão sobre o vivido, lembre-se que antes estávamos na situação de outro e agora voltamos ao nosso eu ou junto de si. Neste ato de volta trazemos juntos as narrativas que eram o eu-narrado daquele momento de aproximação com aqueles sujeitos interpelados, e que agora se retoma ao seu eu-pesquisador, já modificado por esta experiência, mas ciente de si e de seus objetivos com a pesquisa.

Fora do lugar que foi o encontro com a narrativa, é possível assim dar forma ao acabamento deste material, que transcende ao que estes sujeitos que contribuíram com esta narrativa tem do mundo e das coisas. Isto faz com que esta narrativa não seja um mero dado informativo, mas transforma a mim que tomo estas narrativas, aguça os olhares que se lançam a percorrer estas trilhas e sulcos cravados pelas narrativas e produzem novos significados ao que foi dito.

Passa a se constituir como uma ação sobre o mundo a olhar para o historicamente vivido, para a singularidade que desconstrói o único, o global. No sentido que “no momento do ato, o mundo se reestrutura em um instante, a sua verdadeira arquitetura se restabelece, na qual tudo o que é teoricamente concebível não é mais que um aspecto”

(BAKHTIN, 2012, p. 53), ou seja, a vida transborda e é mais que fazer teoria, é lidar com o humano e reconstruir este humano no campo da ciência.

No movimento caleidoscópico que as narrativas proporcionam, o ato humano ainda está lá e é dele que podemos pensar sobre o fazer ciência. Das vozes que trazemos, muito mais que apropriar é dar a elas o estatuto que as enuncia de fato como protagonistas de sua existência, a fim de que estas narrativas que criamos em nossas investigações possam de fato continuar a produzir o movimento entre a palavra e os sentidos que um texto constrói nas relações entre os diferentes sujeitos que se comunicam, sob o signo da provisoriedade e da fantástica possibilidade do imprevisto.

Referências

- BAKHTIN, Mikhail (VOLOCHINOV). **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. Trad. de Michel Lahud e Yara F. Vieira, 7. ed., São Paulo: Ed. Hucitec, 1995.
- BAKHTIN, Mikhail (VOLOCHINOV). **Estética da Criação Verbal**. Trad. Paulo Bezerra, 4. ed., São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- BAKHTIN, Mikhail (VOLOCHINOV). **Estética da Criação Verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- BAKHTIN, Mikhail (VOLOCHINOV). **Palavra própria e palavra outra na sintaxe da enunciação. A palavra na vida e na poesia: introdução ao problema da poética sociológica**. São Carlos: Pedro&João Editores, 2011.
- BAKHTIN, Mikhail (VOLOCHINOV). **Para uma filosofia do ato responsável**. Trad. de Valdemir Miotello e Carlos Alberto Faraco. 2 ed., São Carlos: Pedro&João Editores, 2012.
- BELL, Judith. **Projeto de Pesquisa: guia para pesquisadores iniciantes em educação, saúde e ciências**. 4. ed., Porto Alegre: Artmed, 2008.
- BENJAMIN, Walter. O narrador. Reflexões sobre a obra de Nikolai Lesskov. In: BENJAMIN, Walter. **Magia e Técnica, Arte e Política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. São Paulo: Brasiliense, 1994. p. 197 – 221.
- BENJAMIN, Walter. **A modernidade e os modernos**. 2. ed., Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2000.
- FARACO, Carlos. Um posfácio meio impertinente. In: BAKHTIN, M. **Para uma filosofia do ato responsável**. 2. ed., São Carlos: Pedro&João Editores, 2011. p. 147 – 156.
- GIOVANA, Fabiana; SOUZA, Nathan B. **Bakhtin e a Educação: a ética, a estética e a cognição**. São Carlos: Pedro&João Editores, 2016.

GHEDIN, Evandro; FRANCO, Maria Amélia do R. S. **Questões de método na construção da pesquisa em educação**. São Paulo: Cortez, 2008.

MARTINS, Heloisa H. T. de S. Metodologia qualitativa de pesquisa. **Educação & Pesquisa**, São Paulo, v. 30, n. 2, p. 287-298, maio/ago. 2004.

MORAES, Ana A. de A. Histórias de vida e autoafirmação de professores: alternativa de investigação do trabalho docente. **Pro-Posições**, Campinas, v. 15, n. 2 (44), maio/ago. 2004.

SOBRAL, Adail. Filosofias (e filosofia) em Bakhtin. In: BRAIT, Beth (Org.). **Bakhtin: conceitos-chave**. 5. ed., São Paulo: Contexto, 2016. p. 123 – 150.